

Asas Norte e Sul têm 32 invasões

Sob pontes, camuflados pelo cerrado, próximo às áreas nobres, Brasília Patrimônio Cultural da Humanidade concentra hoje 32 focos de invasão, onde 1.590 pessoas vivem em 400 barracos — revela um levantamento do Serviço Integrado de Vigilância do Solo (Siv-Solo). Das 63 favelas que existem no Plano Piloto no governo Roriz, o deputado distrital e ex-presidente da Shis, Tadeu Filippelli (PMDB), garante ter erradicado todas, restando apenas 1/4 da invasão da Telebrásilia. Entretanto, o gerente do Siv-Solo, tenente-coronel Paulo César dos Santos, afirma que muitas das invasões cadastradas desde o início de 95 são “históricas” e existem, em alguns casos, há mais de quatro anos.

Em todo o Distrito Federal, de acordo com a pesquisa, atualmente são encontrados 163 focos de favelas, totalizando 21.217 pessoas morando em áreas invadidas. “Este levantamento constatou a existência das invasões. O que não quer dizer que todas elas foram constituídas a partir deste ano”, explica Paulo César, citando as invasões do TCU, do Parque Ecológico Norte e dos fundos do Colégio Elefante Branco como exemplos de favelas antigas no Plano Piloto. “Mas não podemos dizer que não estão aumentando ou inchando, apesar do nosso controle”, emendou.

Com características próprias, as pequenas, médias e grandes favelas de Brasília, na explicação do gerente do Siv-Solo, são formadas por pessoas que buscam uma fonte de renda. “A grande maioria dos invasores do Plano vive de catar papel”, conta o tenente-coronel. Na sua avaliação, no Distrito Federal, os invasores passam a viver em favelas por três motivos: procura de trabalho, de moradia e especulação.

Ao tentar traçar um perfil dos invasores, ele acrescenta que cerca de 50% são migrantes recém-chegados do Nordeste, que se juntam às invasões existentes ou criam suas próprias. “Os outros 50% são pessoas do Distrito Federal que não suportam mais o aluguel ou querem apenas especular, crentes que ganharão lotes”, disse Paulo César. “Existe uma forte cultura, ainda, que invadindo se ganha um terreno”, declarou.

Retirada — As três invasões, localizadas no final da Esplanada dos Ministérios e próximas aos palácios do Jaburu e da Alvorada, são prioridades na lista das retiradas do Governo na área do Plano Piloto. De acordo com o presidente do Grupo Executivo de Trabalho para Tratar de Ocupações Urbanas Irregulares (Geturb), Sebastião Carneiro, a pedido do governador e da Presidência da República, providências estão sendo tomadas para garantir a

saída das famílias até o fim de novembro. Nos planos do Geturb, a solução para os invasores do local está na criação de uma cooperativa, que pode resolver o problema de moradia e de trabalho.

Controle — “Isto não quer dizer que outras invasões não estão sendo controladas e fiscalizadas”, ressaltou o tenente-coronel Paulo César. Nos últimos dias, segundo ele, duas invasões foram retiradas do Plano Piloto. “A questão é que tiramos estas pessoas e depois de um tempo elas aparecem em algum outro lugar também invadido”, relatou. “Para estas pessoas da invasão do TCU e redondezas está se procurando algo mais definitivo porque são famílias que já estão lá há muitos anos e trabalham, catando papel”, justificou.

Do ponto de vista do tenente-coronel, a remoção de invasões antigas e que surgiram não por especulação ou somente busca de moradia requer maiores cuidados. “Nestes casos, só retirar não resolve. Poderíamos gerar problemas sociais muito maiores”, argumenta. Segundo ele, os critérios para a retirada de invasões vêm seguindo uma ordem. As favelas mais recentes são as primeiras a serem desmontadas. “Nas que existem há um certo tempo, fazemos um trabalho de controle para que não inchem e estudamos saídas para as famílias”. (J.S.)